A NATUREZA E O CAPITAL EM CONTRADIÇÃO: ECOLOGIA E CRÍTICA AO CAPITALISMO EM "O ECOSSOCIALISMO DE KARL MARX"

JÉSSICA NUNES DA SILVA[1]
UFRGS, BRASIL
https://orcid.org/0000-0003-3914-6907

RESENHA

SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx:** capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política. São Paulo: Boitempo, 2021.

Há ecologia em Marx? É possível ir além e compreender a obra marxiana em termos fundamentalmente ecossocialistas? Tais perguntas podem ser lidas enquanto elemento condutor para as consistentes elaborações do filósofo japonês Kohei Saito[2] em *O ecossocialismo de Karl Marx: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política*. (2021), agora publicado em português pela Editora Boitempo.

Os questionamentos que movem essa análise conformam um campo de debates consideravelmente difundido na literatura marxista, circunscrito ao entendimento do papel ocupado pela natureza – e as possibilidades de articulação com a questão ambiental – na obra de Marx. O trabalho de Saito responde, enfática e cuidadosamente, quaisquer dúvidas que possam ter restado sobre a relevância e o desenvolvimento do pensamento ecológico na e para a economia política marxiana. Ao

[1] Mestranda em Antropologia Social (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: jessica.bolsista@gmail.com

[2] Saito é professor associado de economia política na Universidade de Osaka, no Japão, e membro do conselho editorial internacional do projeto *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA).

mesmo tempo, suas ponderações ampliam e consolidam reflexões endossadas anteriormente por autores como John Bellamy Foster em *A ecologia de Marx* (2000) e Paul Burkett em *Marx and nature* (1999).

Os teóricos da chamada "segunda fase do ecossocialismo", tal como Foster (2000), demonstraram que retomando a fundo os escritos de Marx e Engels seria possível rebater as acusações emergidas na "primeira fase" do movimento, que alegavam um suposto antiecologismo e otimismo acrítico de Marx diante do desenvolvimento *ad-infinitum* da indústria. Ainda que no atual *estado da arte* as alegações de um "prometeísmo ecológico" marxiano soem desatualizadas (mesmo falsas, em consonância com Saito), não há consenso no campo. Defendendo as contribuições seminais de Marx ao pensamento ecológico diante de um contexto limítrofe, em *O Ecossocialismo de Karl Marx* Saito reafirma a indissociabilidade da ecologia ao materialismo histórico-dialético, sustentando que o trabalho do filósofo alemão não era antiecológico, nem tampouco abriu mão de uma crítica ecológica ao capitalismo.

Nesses termos é relevante grifar a importância de uma investigação aguçada, comprometida com o desenvolvimento cronológico – e mesmo progressivo, no sentido dos avanços teóricos alcançados por meio de um extensivo trabalho intelectual – dos escritos de Marx. E Saito faz exatamente isso. Os seis capítulos da obra são organizados de modo a acompanhar este desenvolvimento, centrando-se no papel inequívoco da natureza, e da importância que a ecologia passa a adquirir para sua economia política. Um dos muitos ganhos da sistematização levada a cabo por Saito consiste justamente na apropriação densa do modo pelo qual a abordagem de Marx progride em direção ao abarcamento destes temas.

O livro é subdividido em duas partes: a parte um, "Ecologia e Economia", descreve a imanência da ecologia de Marx, visibilizando sua continuidade para com a economia política do autor. Saito delineia essa continuidade em um exame iniciado com as formulações de Marx em torno da alienação da natureza em seus cadernos de 1844, passando pelo conceito de "metabolismo", até a teoria da Reificação (trabalhada, por fim, em *O Capital*). A segunda parte, "A Ecologia de Marx e a *Marx-Engels-Gesamtausgabe*", nos traz uma investigação precisa dos cadernos de Ciências Naturais de Marx, publicados pela primeira vez na MEGA². Nesses cadernos, encontramos Marx profundamente interessado pelo campo da teoria ecológica emergente no século XIX. Essas leituras são primordiais na medida em que denotam a construção de sua acepção acerca da "complexa e intensa relação entre capital e natureza como uma contradição central do capitalismo" (SAITO, 2021, p.31).

No primeiro capítulo, *A Alienação da natureza como surgimento do moderno,* Saito retoma os *Cadernos de Paris*, escritos por Marx em 1844 – conhecidos como *Manuscritos econômico-filosóficos.* O autor aponta que a problemática da separação moderna da relação entre humanos e natureza já estava presente no centro da teoria da alienação de Marx, considerando que a expressão emancipatória "humanismo = naturalismo" traduzia-se na prerrogativa de restabelecer a unidade consciente entre humanidade e natureza como tarefa de uma sociedade comunista. A

forma moderna que assume a relação entre produtores e suas condições objetivas de produção é enquadrada historicamente por Marx enquanto causa central da alienação sob o modo de produção capitalista – daí então a alienação da natureza e a dissolução consequente da supracitada unidade humanidade-natureza.

O interessante aqui é que Saito compreende as elaborações de Marx nos *Cadernos de Paris* enquanto um marco de partida para sua posterior crítica à economia política, na qual a análise do trabalho alienado é também fundamental. A leitura de Saito diverge da ênfase humanista concedida aos escritos de 1844, rejeitando a ideia de que estes constituem uma obra independente; mas é, em mesma medida, crítica da ideia de "ruptura epistemológica" radical[3], tal como preconiza Louis Althusser, e entende que o conceito de natureza está necessariamente imbricado nesse processo de formação do pensamento marxiano. Nesse sentido, apesar do reconhecimento posterior de Marx acerca da insuficiência do esquema feuerbachiano – que implicava uma natureza a-histórica – e da concepção filosófica de alienação, Saito defende haver uma continuidade teórica da ideia de dissolução da unidade original entre humanos e natureza sob o capitalismo.

Apontando para um distanciamento da filosofia, demarcado decisivamente em *A Ideologia Alemã* e pelas *Teses sobre Feuerbach*, o autor enquadra a mudança crucial na abordagem de Marx sobre a alienação da humanidade e da natureza. Não mais dependente da premissa filosófica de que "humanismo = naturalismo", ele passaria então a se perguntar de que modo, e por quais razões se produz, no capitalismo, tal antagonismo. No segundo capítulo, *O Metabolismo da Economia Política,* acompanhamos o desenvolvimento da noção de "metabolismo"[4], por meio do qual Marx pôde analisar como a dinâmica historicamente específica do modo de produção capitalista transforma radicalmente a relação dos homens com a natureza.

Dinâmica e interativa, tal relação passa a ser delineada em termos de sua mediação pelo processo de trabalho, e compreendida por meio da apropriação de Marx do conceito de "metabolismo", advindo originalmente das ciências naturais. Em *O Capital,* vemos que *"*o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza" (MARX, 2013, p.255); essa ação do homem sobre a natureza *externa* transforma-a, na mesma medida em que transforma a própria natureza do homem. Saito demonstra como o desenvolvimento dessa acepção passa pela investigação sistemática de

[3] Crítico do marxismo humanista, Althusser apontou para uma "ruptura epistemológica" entre os textos da juventude de Marx, que seriam calcados sobretudo na influência do pensamento hegeliano e pautados pela problemática da essência humana com Ludwig Feuerbach; e os escritos posteriores do Marx maduro, nos quais, sobretudo após *A Ideologia Alemã*, o filósofo alemão passaria a se dedicar a uma problemática científica – não mais filosófica –, consolidando, então, o materialismo histórico.

[4] Empregado pela primeira vez no séc. XIX para descrever o processo constante e interativo de trocas de compostos orgânicos no interior de um corpo, o conceito de metabolismo seria posteriormente alargado, conforme Saito (2021, p.91), passando a descrever interações diversas em múltiplos ecossistemas.

Marx sobre o "metabolismo", por meio de estudos aprofundados de química e fisiologia[5].

São modificações que ocorrem no bojo da apropriação, por parte de Marx, das formulações do químico agrícola Justus Von Liebig – que forneceria as bases para a ampliação do conceito de metabolismo – atrelado ao reconhecimento dos limites naturais diante da exploração humana; e de Roland Daniels, que contribuiu para que Marx desdobrasse o supracitado conceito em termos *sociais.* De acordo com Saito, distanciando-se de uma supervalorização do materialismo científico natural, a análise marxiana fornece as bases para assinalar que "a crise moderna do ecossistema é uma contradição imanente do capitalismo, que necessariamente resulta da forma especificamente capitalista de organizar os metabolismos social e natural" (SAITO, 2021, p. 86).

No terceiro capítulo, *O Capital como uma teoria do metabolismo*, o autor se dedica a reconstruir a ecologia de Marx por meio da interpretação sistemática de *O Capital.* Trata-se de uma abordagem importante, comprometida em demonstrar de que modo a ênfase na materialidade do trabalho abstrato pode aportar a compreensão da ecologia de Marx, através de uma chave outra para a leitura de sua teoria do valor. Saito oferece um aprofundamento necessário na dimensão material da crítica marxiana à economia política, expandindo-a seriamente para além do enfoque (ocidental, *cf.* Saito) nas "formas" sociais; tal debate é corroborado por meio de sua menção à interpretação japonesa de *O Capital,* com a chamada "Escola de Kuruma". A teoria do metabolismo e a crítica de Marx à "ruptura metabólica" entre humanidade e natureza, são lidas enquanto parte inequivocamente integrante de sua economia política, revelando a coerência de uma "ecologia de Marx".

Contra as alegações de certo antropocentrismo marxiano em sua análise do trabalho sob o capitalismo, Saito retoma *O Capital* grifando não somente a centralidade da natureza enquanto criadora de valor, mas também o fato de que "o trabalho como mediação metabólica é essencialmente dependente e condicionado pela natureza"[6]. Nesse ponto a "teoria da reificação" de Marx é central, pois enquadra a transformação transistórica da natureza por meio do capital, cuja busca pela máxima autovalorização conforma o antagonismo entre humanidade e natureza, produzindo *contradições reais*. A teoria da Reificação permite rastrear como a "lógica de valorização do capital organiza a produção social e a circulação de tal forma que seu intercâmbio metabólico [humanos-natureza] é necessariamente interrompido"[7].

Naturalmente, a teoria do valor é indispensável para compreender de que forma, graças à busca incessante por sua autovalorização, o capital se opõe diretamente aos limites naturais, demandando inequivocamente a regulação consciente de seu poder reificado. Saito demonstra como Marx desenvolve tais ponderações, em um sentido

[5] Modificando por diversas vezes seus usos do conceito. Desde sua primeira aparição em 1851 nos *Cadernos de Londres*, ampliando-se nos *Grundrisse*, até culminar na concepção acrescida do adjetivo "social" (figurando como "metabolismo social") em *O Capital.*

[6] Ibidem, p.131.

[7] Ibidem, p.155.

oposto às alegações correntes de seu suposto otimismo com relação ao caráter progressista do capitalismo. No capítulo quatro, *Liebig e O Capital*, vemos de que forma o contato de Marx com as ciências naturais, inicialmente com a *Química Agrícola* de Liebig, impacta suas reflexões sobre as relações de produção no capitalismo, estabelecendo uma importante correlação (análoga) entre a exploração da força de trabalho e a aniquilação da natureza sob o capital.

Dedicando-se aos cadernos de Ciências Naturais de Marx, excertos e cartas, a leitura de Saito conforma ainda um panorama bastante completo dos debates econômicos e ecológicos em voga à época. Entre as décadas de 1840-1850, comprometido com a contraposição aos argumentos a-históricos de David Ricardo com sua "teoria dos rendimentos decrescentes", e às elaborações malthusianas sobre a "superpopulação absoluta", Marx compartilhava com Engels uma "opinião otimista sobre a possibilidade de melhorias infinitas na produtividade agrícola"[8]. Seu interesse inicial por Liebig deu-se justamente pela possibilidade de fornecer argumentos científicos às abstrações ricardianas e malthusianas.

Entretanto, após o estudo sistemático do tema, e profundamente informado pela química agrícola de Liebig, na década de 1860 Marx passa a incorporar o reconhecimento e a problemática dos limites naturais em sua economia política. Em outras palavras:

> Com base na Química Agrícola de Liebig, Marx apontou tanto a perturbação do metabolismo natural no sentido de roubo da fertilidade do solo quanto no sentido de destruição da vida do trabalhador urbano e rural. Dessa forma, o capitalismo esgota a força de trabalho e também a força natural. (SAITO, 2021, p.214).

O papel destrutivo da agricultura moderna cuja problemática do esgotamento do solo decorre, assim como as elaborações de Liebig sobre o "cultivo de roubo", tornaram discerníveis em Marx o que viria a se constituir como a base fundante de sua crítica ecológica ao capitalismo. O capítulo cinco, *Fertilizantes contra a agricultura do roubo?,* acompanha mais detidamente o processo de construção dessa crítica. Além de Liebig, Saito destaca a importância do também cientista natural James F. W. Johnston e suas notas sobre agricultura e esgotamento do solo na América do Norte.

Vemos como a virada crítica de Liebig – da crença otimista na possibilidade de melhorias quase que infinitas no solo, para uma crítica ao sistema destrutivo de produção que caracteriza a agricultura moderna, bem como ao cultivo de roubo – tem efeito sobre as elaborações de Marx, incidindo inclusive em suas análises sobre o colonialismo e os impactos da separação entre campo e cidade. Os manuscritos para os Livros 2 e 3 de *O Capital* informam a incorporação crítica destes debates.

O projeto de economia política de Marx enfatiza então a necessidade da transformação radical entre humanidade e natureza, na

[8] Ibidem, p. 185.

medida em que reconhece os limites naturais, preconizando a regulação consciente do metabolismo com a natureza e grifando a incompatibilidade de um modo sustentável de produção dentro do sistema capitalista. Por fim, no capítulo seis, *A ecologia de Marx após 1868*, acompanhamos a continuidade dos estudos de Marx sobre ciências naturais, visando completar o projeto de *O Capital*. Aqui o autor investiga a fundo a influência da física agrícola de Nikolaus Fraas para a complexificação do inacabado projeto marxiano, no qual a teoria do metabolismo teria um papel central. A pesquisa histórica de Fraas constituía-se também como uma crítica a Liebig, e versava *grosso modo,* sobre a importância do clima para as abordagens correntes sobre o esgotamento do solo.

Apontando para as consequências práticas do desmatamento excessivo e para o esgotamento do solo, Fraas fornece a Marx um relevante aporte histórico para compreender os impactos da instrumentalização da natureza pelo homem. A desertificação do solo, formação de estepes, a modificação e eliminação de diversos ecossistemas são alguns dos elementos abarcados por sua análise, e amplificam o entendimento de Marx para além da problemática do solo. O destaque de Marx à especificidade da perturbação capitalista do metabolismo expressaria nitidamente sua análise acerca da latente contradição entre "capital" e "natureza" (SAITO, 2021). Assim, a análise de Saito demonstra que, longe de ser secundária, a *questão da ecologia* integra o desenvolvimento de sua teoria da economia política, consolidando-se definitivamente como crítica ao capitalismo.

Certamente, e como o autor bem indica, ainda há muito material a ser analisado e as possibilidades de teorização e ação crítica não se esgotam; os materiais, cadernos e excertos disponibilizados pelo MEGA são, sem dúvidas, uma fonte riquíssima. Nesses termos, a análise aprofundada de Saito contribui enormemente para uma compreensão adensada e ampliada do pensamento de Marx; e fornece o embasamento necessário para compreender a degradação ambiental e as crises ecológicas como sendo intrínsecas ao modo de produção capitalista. Mas é possível falarmos em um *ecossocialismo* de Karl Marx? A esse respeito, a leitura de Kohei Saito nos apresenta uma ecologia marxiana profundamente comprometida com a transformação radical da relação entre humanidade e natureza, rompida definitivamente sob o domínio reificado do capital.

Ainda assim, a centralidade de um fundamento "ecossocialista" em Marx pode por vezes se consolidar por meio de um "acabamento" das teorizações do filósofo alemão por parte de seu intérprete. Defendendo a centralidade da problemática ecológica para o projeto marxiano, Saito acaba – especialmente na segunda parte do livro – reconstituindo algumas acepções, não totalmente desenvolvidas por Marx, sobre o tema. Tal observação segue apenas no sentido de indicar que uma valorização das possibilidades de ampliar nosso escopo de conhecimento acerca da produção original de Marx, não necessariamente demanda o investimento em reelaborar suas possíveis teorizações.

Dentre seus muitos méritos, o trabalho de Kohei Saito é evocativo, e desmistifica de forma definitiva alegações mal embasadas sobre um Marx antropocêntrico e antiecológico. Prova o exato oposto, e demonstra que para compreender e inferir sobre o pensamento de Marx, é indispensável, antes de tudo, estudar Marx. Diante da urgência anunciada pelo contexto, suas elaborações são prementes, sobretudo, ao considerarmos que "a reabilitação do metabolismo universal da natureza perturbado pelo capitalismo só é possível quando o poder autônomo do capital é totalmente abolido"[9].

[9] Ibidem, p.324.

Referências bibliográficas

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx:** materialismo e natureza Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005 (2000).

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital [1867] (trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2013.

Recebido em: 30/11/2021 * Aprovado em: 01/12/2021 * Publicado em: 23/12/2021
